

EMPREENDEDORISMO COMUNITÁRIO E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: A EXPERIÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DE CATRAIEIROS DE ALTER DO CHÃO

Rosinete Santos dos Reis¹
Dorival Bonfa Neto²

RESUMO

Este trabalho busca descrever a experiência dos Catraieiros de Alter do Chão (PA), como um exemplo de empreendedorismo de base comunitária. Para este trabalho foi utilizada uma abordagem qualitativa, com técnicas de pesquisa como entrevistas com membros da associação, registros fotográficos, levantamento e análise documental e observação participante, a partir da experiência da autora que atuou como secretária da associação. A associação é composta por 100 associados, dentre eles, homens, mulheres e jovens, de forma organizada. O estudo destaca a importância do serviço dos catraieiros que desde 1980 contribui para fortalecer a economia local.

Palavras-chave: Associativismo; Catraieiros; Empreendedorismo social; Economia Solidária; Turismo de base comunitária.

1 INTRODUÇÃO

Situada no Município de Santarém, às margens direita do Rio Tapajós, no Oeste do estado do Pará, a uma distância de 34 km da cidade, acessível pela PA-457 (Rodovia Everaldo Martins), a vila/aldeia de Alter do Chão é um dos destinos mais procurados da Amazônia brasileira, amplamente conhecida por suas belas praias de água doce e por uma rica expressividade sociocultural. Embora conhecida no cenário nacional e internacional, Alter do Chão é um território indígena, onde as práticas tradicionais e de modo de vida comunitário coexistem com os desafios e oportunidades advindos da expansão do turismo predatório (NEPES/UFOPA, 2025).

Nesse contexto, o Turismo de Base Comunitária (TBC), como aquele praticado pelos Catraieiros de Alter do Chão, tem se consolidado como uma estratégia alternativa de desenvolvimento que valoriza os saberes locais, promovendo o protagonismo comunitário,

¹ Graduanda do Curso de Gestão Pública e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Oeste do Pará, rosinete.reis72@gmail.com. Julho de 2025

²Professor orientador: Doutor em Ciências, Universidade de São Paulo – SP. bonfaneto@hotmail.com

economia solidária, e o fortalecimento das identidades territoriais. “Catraieiros²” é o nome utilizado para descrever o trabalho que é realizado por homens que utilizam de pequenas embarcações artesanais de madeira, conhecidas por catraias, para transportar turistas até o outro lado da praia, em frente à orla, onde fica a chamada “Ilha do Amor”. A Ilha do Amor é uma ponta de areia que permanece visível o ano inteiro, mas que durante o período de cheia, suas áreas mais baixas ficam cobertas pela água, assim como as barracas construídas de palhas, também conhecidas como “malocas” que vendem comidas e bebidas aos visitantes, principalmente aos fins de semana.

De acordo com Rodrigues (2024), O TBC trata-se de uma prática construída coletivamente, que articula modos de vida, saberes tradicionais e resistência cultural. Para o ICMBio (2018), o TBC é um modelo de turismo estruturado nas narrativas da coletividade das comunidades locais.

Entretanto, mesmo que esta modalidade represente uma expressão do turismo comunitário, fortaleça a cultura, o trabalho coletivo organizado, a tradição, a Associação dos Catraieiros de Alter do Chão vivência múltiplos desafios ao realizarem o trabalho braçal de travessia.

A escolha por esse trabalho se justifica pela importância da atividade dos catraieiros no contexto do turismo local e por ser uma representatividade de organização comunitária que integra a cultura e o modo de vida de Alter do Chão, sendo inclusive considerados como Patrimônio Cultural, Histórico e Imaterial de Santarém através da Lei Municipal nº 21.490/2022⁹.

Dessa forma, este trabalho tem como **objetivo geral**: Descrever a experiência da Associação dos Catraieiros como prática de Empreendedorismo Comunitário e de Turismo de Base Comunitária.

Como **objetivos específicos**:

- Apresentar o histórico e organização da Associação dos Catraieiros;
- Identificar os principais desafios e estratégias dos catraieiros na manutenção de uma atividade que dinamiza a economia local de forma endógena.

²Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2022/04/05/catraieiros-sao-reconhecidos-como-patrimonio-historico-e-cultural-imaterial-de-santarem.ghtml>. Acesso em: 04 ago.2025.

Assim, compreender como a Associação atua frente aos desafios para manter sua atividade no mercado, das políticas públicas e das pressões do turismo de massa, é importante a discussão sobre essa atividade desempenhada pelos catraieiros e amplia o debate sobre formas mais justa de incentivo ao empreendedorismo local.

2. REFERENCIAL TEÓRICO – CONCEITUAL: O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC)

O empreendedorismo emerge como uma alternativa de geração de renda e fortalecimento da autonomia local. Dornelas (2018), destaca que o empreendedor é um agente de transformação social capaz de identificar oportunidades e gerar soluções criativas e sustentáveis, inclusive em contextos comunitários.

O Turismo de Base Comunitária é um modelo de gestão da visitação protagonizado pela comunidade, gerando benefícios coletivos, promovendo a vivência intercultural, a qualidade de vida, a valorização da história e da cultura dessas populações, bem como a utilização sustentável para fins recreativos e educativos, dos recursos da Unidade de Conservação. (ICMBio, 2025).

Os autores Rios e Barros afirmam que: “O Turismo de Base Comunitária deve ser um modo de desenvolvimento turístico com protagonismo comunitário no desenvolvimento das atividades e na tomada de decisões em todas as etapas do processo”.

Silva Junior (2021) destaca que o empreendedorismo não apenas promove a criação de novos negócios, mas também fortalece a economia local, estimula a inovação e proporciona desenvolvimento sustentável para as comunidades.

Para Zanetoni *et al.*, (2019) entre vários modelos de turismo, o TBC se destaca por agregar valor para a região e suas populações, buscando assim valorizar os aspectos socioculturais do ambiente em que trabalha. É nesse ambiente que se envolvem outros agentes, que fazem parte do chamado no linguajar administrativo de “ecossistema de negócio”, esses agentes podem influenciar no desempenho dos empreendimentos de diversas formas.

Desse modo, os conceitos de empreendedorismo de base comunitária se entrelaçam na experiência dos catraieiros de Alter do Chão, na construção do desenvolvimento baseada na cooperação, no pertencimento e na sustentabilidade.

3 METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho, foi utilizada uma abordagem qualitativa, com técnicas de pesquisa como: entrevistas com roteiro semiestruturado, levantamento e análise documental e observação participante, a partir da experiência da autora deste artigo que atuou como



secretária da associação entre os anos de 2004 e 2006. As entrevistas foram realizadas com quatro associados: o Sr. Antônio Sardinha, atual presidente da associação, um associado, filho do primeiro presidente; Cidelme Costa Pimentel, que partilhou memórias e arquivos do pai; outra entrevista foi com o segundo presidente, o Sr. Gregório de Farias, hoje com 80 anos de idade, já aposentado, e com um sócio e catraieiro de 80 anos, o Sr. José Antônio da Costa que foi catraieiro por mais de 40 anos, e em 2024 teve que deixar o serviço devido às condições de saúde.

Além das entrevistas, foram analisados documentos históricos como a Ata de Fundação da Associação e realizados registros fotográficos, tanto dos momentos de entrevistas quanto da atuação dos catraieiros em seu cotidiano, especialmente durante o horário de travessia no Lago Verde para a Ilha do Amor (mais fotografias estão em anexo, ao fim do texto).

A Travessia para a Ilha do Amor é, segundo Antônio Cleydson (2025), o principal atrativo turístico de Alter do Chão. O trabalho realizado pelos catraieiros, que transportam pessoas de um lado para o outro da praia do Lago Verde, “remando” em pequenas embarcações chamadas catraias. Esse tipo de remo, também conhecido como “faias” são feitos artesanalmente com madeira de árvores específicas, como Tapiririca, Marupá e Envira-preta.

O uso desses materiais buscou complementar a narrativa oral, enriquecendo a análise com elementos visuais e registros oficiais.

As fotografias abaixo demonstram os momentos das entrevistas, bem como os sujeitos entrevistados.

Fotografia 1 – Entrevista com o Sr. Gregório de Farias



Fonte: Nete Reis (2025)

Fotografia 2 – Entrevista com o Sr. José Antônio



Fonte: Nete Reis (2025)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A Associação de Catraieiros de Alter do Chão, Santarém-PA

A Associação dos Catraieiros de Alter do Chão, é um exemplo de empreendedorismo comunitário de forma organizada coletivamente, carrega sua identidade local, gera renda de forma autônoma e enfrenta muitos desafios. Nos últimos anos a associação tem sentido os impactos pela ausência de políticas públicas voltadas ao turismo de base local. Apesar de toda essa cultura expressiva do trabalho artesanal desenvolvida pelos catraieiros, do desenvolvimento ecológico, da preservação ambiental, as ações governamentais muitas das vezes não alcançam as bases comunitárias, deixando as associações como o exemplo dos catraieiros de Alter do Chão sem o apoio financeiro necessário para seu fortalecimento. Vale ressaltar que eles enfrentam dificuldades financeiras que não se restringem apenas a renda individual, elas também afetam os investimentos na sede da associação, nas condições de trabalho e apoio aos próprios associados. Assim como nos períodos de baixa temporada em que o rio fica seco e eles ficam por mais de seis meses sem trabalho, nesse período eles buscam outros tipos de serviços como pedreiro, domésticos, garçom, entre outros, para manter as contas em dia e o sustento da família.

Diferente do turismo convencional, não apenas pelo tipo de trabalho, mas principalmente porque eles partem do princípio dos vínculos afetivos e sociais da comunidade respeitando as tradições, participam ativamente nas ações sociais realizadas em prol da comunidade, e porque são pessoas que vivem o dia a dia da realidade local.

De acordo com as entrevistas obtidas por alguns dos primeiros catraieiros da associação, como citado acima na metodologia, Gregório de Faria foi o segundo presidente da associação, ele fez um breve relato da história:

Tudo começou no ano de 1980 no dia 22 de fevereiro, com uma brincadeira de moleque. Eles iam para a beira do rio tomar banho e por lá ficavam pulando na água e quando aparecia alguém querendo ir pro outro lado da ilha, eles se ofereciam para levar nas canoas que sempre ficava nos “mourões” nome que se dar a uma vara de pau que é fincada para segurar as canoas que ficam amarradas por uma corda lá na beira do rio, e assim eles ficam durante a semana. O tempo foi passando, e o que começou como uma brincadeira foi dando certo e viram que a ideia de atravessar pessoas nas canoas para a Ilha do Amor era algo interessante e que poderiam ganhar dinheiro com isso, visto que não tinha outro meio de ir para o outro lado da ilha. (Seu Gregório de Faria, 2025).

Daí em diante, os comunitários resolveram se organizar e antes do seu Vanderley houve um outro senhor que ajudou a organização, mas que não prosseguiu e então convidaram o Sr. Vanderlei Viana Pimentel (já falecido) que naquele tempo formou uma comissão de moradores nativos e começou a articular o trabalho de canoas para o outro lado da ilha com os “moleques” que gostavam de “catraiar”. Como naquele tempo ainda não tinha organização institucional, foi criada uma comissão que posteriormente decidiu eleger um coordenador para tomar a frente e elegeram o seu Vanderley Viana.

Cidelme Costa, filho de Vanderley Viana, contou-nos que seu pai falava que: “[...] no início eles utilizavam as canoas a remo, e em troca da travessia eles ganhavam alguns objetos, não tinha preço”.

Conforme a fala dos sócios entrevistados e documentos apresentados nas entrevistas, os comunitários viram uma oportunidade de trabalho rentável para ajudar algumas famílias que nesse tempo não tinham outras oportunidades de trabalho e precisavam sustentar os filhos. Inicia-se a partir daí uma organização de serviço de transporte fluvial utilizados por pequenas embarcações conhecidas por canoa. Outro relato foi feito pelo Sr. José Antônio que compartilhou uma lembrança marcante: “[...] naquela época não tinha outro tipo de embarcação, a não ser o barquinho do Simão que era quem fazia as viagens levando os times de futebol para as comunidades e passeios de barco”.

Pimentel (2011), descreve que um dos fatores importantes para acelerar a regulamentação da catraia, foi por causa do problema que era o valor cobrado, pois não existia uma tabela com os preços do serviço e não havia organização na hora de deixar as canoas na beira do rio, não havia fila e cada um que chegava ia colocando a sua catraia. Mas o que se tem conhecimento, é que cada travessia naquele tempo custava em média CR\$1,00 (um cruzeiro). Os turistas eram disputados, sempre ganhava aquele que tinha a maior catraia (canoas), não havia

controle de lotação de passageiros. A lotação era de acordo com o que a embarcação aguentava o peso.

Os anos foram passando e como a Associação estava crescendo viu-se a necessidade de buscar regularizar a situação mediante as leis. Foi então que houve a primeira eleição para presidente da associação, e elegeram o Sr. Vanderley Viana (já falecido). A partir daí as coisas foram melhorando e impulsionando o turismo sustentável sempre mantendo a tradição como o uso de faia (tipo de remo) com argolas feitas de ferro colocadas à beira da canoa para remar. De acordo com os relatos dos entrevistados, os catraieiros sempre estiveram presentes nos movimentos sociais da vila e a catraia ficou bastante conhecida pela forma do trabalho coletivo, e como a associação passou a melhorar seu trabalho e organização, houve urgência para regularizar a situação da associação para conseguir apoio financeiro, haja visto que eles precisavam melhorar o serviço que antes não era tão visado e começaram a padronizar.

4.2 Da Organização, cooperação e construção coletiva

Para Pimentel (2011), o processo de criação da Associação dos Catraieiros não foi simples e envolveu o esforço de diversas pessoas comprometidas com a causa, e em 14 de outubro de 2002, foi criado o estatuto da entidade e após ter sido aprovado por 42 pessoas presentes, de acordo com a ata de fundação, foi realizada a primeira eleição tendo como primeiro presidente o Sr. Vanderley Viana Pimentel.

Atualmente a Associação está toda legalizada com Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e funciona dentro dos amparos legais, ou seja, rigores da Lei. Podendo assim, firmar contratos com entidades públicas ou privadas, receber repasse de dinheiro de projetos, patrocínios, reivindicar melhorias em prol da associação e comunidade em geral (Pimentel, 2011, p.21).

Atualmente, a Associação é formada por homens e mulheres, mas na maioria por homens, no total de 100 associados, devidamente cadastrados com regras definidas internamente entre os associados, e mais 38 pessoas que exercem o serviço só de catraieiro (catraieiros que não possuem canoas), são pessoas que vem de outras comunidades ribeirinhas próximas de Alter do Chão, em busca de trabalho e procuram a associação para trabalhar. Para atuar como catraieiro, além de estar devidamente associado, é necessário cumprir determinadas obrigações coletivas. Entre elas destaca- se a participação na limpeza da praia, realizada semanalmente, colaboração em mutirões de limpeza no cemitério local sempre que convocados, além da contribuição com uma mensalidade para manter o funcionamento da associação.

Essa contribuição que antes era de R\$ 5,00, foi reajusta de acordo com a participação dos sócios em reunião de assembleia geral e passou para R\$10,00 durante o período de baixa temporada e de R\$ 20,00 na alta temporada para ajudar a custear despesas como eletricidade,

manutenção da sede, regularização documental (como CNPJ e taxas) e demais necessidades administrativas. Além disso, a tarifa cobrada pela travessia também foi reajusta e atualmente varia entre R\$ 10,00 e R\$ 15,00, dependendo do ponto de desembarque, estabelecendo uma importante fonte de renda tanto para a associação, quanto para os catraieiros.

No que diz respeito à conduta profissional, é expressamente proibido o uso de bebida alcoólica durante o horário de trabalho. Caso essa ou outras normas não sejam descumpridas, o associado ou catraieiro pode sofrer advertência ou até mesmo suspensão, conforme regime interno da entidade. Além disso, o catraieiro deve estar devidamente de uniforme, obedecer a critério de fila para embarque e desembarque, o uso de coletes e respeitar o total de lotação e valor para travessia.

Além da travessia, principal atrativo que é feita da Orla de frente a Vila para a Ilha do Amor, os catraieiros historicamente sempre fizeram e fazem passeios até outras pontas de praias ao redor do lago verde como a Ponta Valéria, Floresta Encantada, Igarapé do macaco, Lago do Jacundá, Ponta do Cururú, Muritiapina, Pirarucurí, e trilha da Serra Piroca (Piroca - morro alto de serra pelada). Ilha de Santana e Lago do Carauarí, proporcionando aos visitantes uma experiência imersiva no território conforme a demanda e disponibilidades das canoas. Esses pontos de destino fazem parte da organização que estabelece critérios para garantir a segurança dos passageiros, o respeito ao meio ambiente e a valorização da cultura local.

Ressalta-se que a autora deste artigo atuou como secretária da associação no período de 2004 a 2006, além de também ter sido associada. Essa vivência possibilitou acompanhar de perto os processos organizativos da entidade, incluindo reuniões, registro de ata, participação em eventos, na identidade visual como a criação da logomarca (Figura 1), que hoje é destaque na farda oficial dos catraieiros. Também articulou pela primeira vez, a participação da associação no desfile cívico de 5 de setembro, promovido pela Escola Indígena Borari de Alter do Chão. Hoje, a Associação é um referencial com participação máxima dos seus associados. A atuação direta como sócia, permitiu ainda presenciar as dificuldades enfrentadas para consolidar o empreendedorismo coletivo, como a falta de apoio financeiro e ausência de políticas públicas voltadas à economia local. A Figura 1, abaixo, mostra a logomarca da associação.



Figura 1 – Logomarca da Associação dos Catraieiros de Alter do Chão



Fonte: Instagram da Associação (@catraieirosdealter)

Recentemente, de acordo com o Sr. Antônio Sardinha:

[...] em fevereiro de 2025, a associação teve pela primeira vez o bloco da catraia sendo inserido na programação cultural da prefeitura municipal na orla de Alter do Chão e isso é um orgulho pra nossa associação, conseguimos cestas básicas, a gente movimenta a sede hoje com campeonato e festas.

Para os catraieiros, participar pela primeira vez da programação oficial de carnaval promovido pela prefeitura municipal no carnaval 2025, com um bloco, representou um sentimento de pertencimento e reconhecimento pelo seu trabalho ao serem convidados para este evento. A seguir, abordam-se os principais desafios enfrentados pelos catraieiros da associação.

4.3 Os desafios

A experiência da Associação dos Catraieiros de Alter do Chão, revela a força do empreendedorismo comunitário e solidário na construção de um turismo de base comunitária sustentável que tem esse cuidado com a valorização do território e com os saberes locais.

Manter essa tradição, tem sido desafiador para os presidentes que por elas já passaram e continuam resistindo diariamente para manter suas atividades em meio à concorrência. Atualmente, os “lancheiros” (são, na maioria, homens que trabalham com embarcações motorizadas) que passaram a representar uma das principais formas de concorrência para os catraieiros, pelo fato dessa nova modalidade de serviço com mais de 200 lanchas ficarem muito próximas do local de embarque e desembarque de passageiros da catraia, prejudicando a

travessia via catraia, por causa das ondas que se formam, e podem causar algum acidente com passageiros.

Além de tirar boa parte dos passageiros que antes iam mais por canoas, e agora preferem as embarcações motorizadas, tem gerado tensões, fazendo com que a categoria perca a visibilidade, e no período de seca, por exemplo, quando o nível das águas diminui, muitos catraieiros são obrigados a parar suas atividades, o que compromete ainda mais a sua renda.

Para o presidente, Sr. Antônio Sardinha:

Um dos maiores desafio da associação é se manter viva dentro de uma história, com o crescimento desordenado das lanchas, sendo uma associação e a outra uma cooperativa em média de duzentas lanchas (200) ‘teoricamente legalizadas’ e com isso, dois dos maiores desafios se encontra em afastar as lanchas de perto da área das canoas, e a outra é as cinquenta (50) lanchas clandestinas que chegam para fazer travessia que teoricamente essas lanchas são para passeio, também estão fazendo travessia e isso vai diretamente contra o nosso trabalho e a gente vê que isso é uma concorrência desleal com a associação dos catraieiros, além da poluição sonora, visual e poluição dos rios.

Outro ponto crítico mencionado nas entrevistas é a exigência de novas pinturas nas canoas em tempos de eventos e coletes exigidos pela marinha. Embora compreendam a importância da segurança, os catraieiros não recebem suporte financeiro para cumprir tais exigências. Muitas vezes, a única ajuda recebida da gestão municipal é a entrega de cestas básicas.

Além da sazonalidade, outro desafio enfrentado pela categoria está diretamente relacionado com às mudanças do rio durante o ano. Em determinados períodos, quando o rio está muito cheio, grande parte das praias desaparece e o fluxo de turistas diminui, o que impede um pouco o trabalho, mas ainda conseguem alguma renda mesmo que seja pouca. Por outro lado, nos meses de seca as canoas ficam paradas, e durante este tempo os catraieiros ficam sem nenhuma renda e buscam trabalhar no serviço de pedreiro, garçom, cozinheiro, dentre outros.

Em abril de 2022, a Associação foi reconhecida pela Lei Municipal nº 21.490/2022 como Patrimônio Cultural de Natureza Material e Imaterial do município de Santarém-PA (SANTARÉM, 2022). Apesar desse reconhecimento, isso ainda não se traduziu em melhorias concretas nas condições de trabalho para a entidade. Frente a esse cenário, é importante repensar novas políticas de estratégias para apoiar o empreendedorismo comunitário de base em territórios como Alter do Chão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, este trabalho buscou descrever a experiência da Associação dos Catraieiros de Alter do Chão como uma prática de empreendimento turístico de base comunitária. A pesquisa evidenciou a importância desse trabalho, que desde 1980 contribui

para o desenvolvimento sustentável de diversas famílias locais e para o fortalecimento do turismo no município de Santarém – PA.

As entrevistas com representantes da associação revelaram o esforço contínuo dos catraieiros para manter a atividade, mesmo diante dos desafios como a falta de apoio financeiro e a concorrência desleal de embarcações de lanchas motorizadas clandestinas e com as outras associações, que atualmente funciona com mais de 200 lanchas. Entretanto, apesar das dificuldades, a associação permanece ativa, organizando o trabalho dos 100 associados e garantindo geração de emprego e renda.

Vale destacar que atividade braçal, além de ser cansativa, ela expõe os catraieiros diretamente ao sol por mais 11h por dia, haja visto que tem muitos catraieiros que precisam passar a semana na beira do rio na travessia por não ter outra renda. No entanto, os catraieiros se sentem felizes por ter essa atividade como meio de sobrevivência e fazer parte da identidade cultural de Alter do Chão, sendo uma das principais atrações durante eventos tradicionais como o Sairé.³

A resistência e luta dos catraieiros demonstra o compromisso com o desenvolvimento sustentável, o respeito pela expressão cultural, pela tradição local e por manter viva essa prática comunitária muito importante para a economia local.

³ Sairé é uma manifestação cultural que junta a religião e tradição baseada em cultura do povo indígena, afrodescendente e europeu, marcada por rituais e procissões.

REFERÊNCIAS

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócio.** 6 ed. Rio de Janeiro: GENT/LTC, 2018.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. (ICMBio). **Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação.** Princípio e diretrizes. Brasília, DF: ICMBio, 2018.

MELO, Thiago Sebastião de; RODRIGUES, Milena Manhães. Aquilombar com a universidade: Apontamentos sobre turismo de base comunitária como elemento de fortalecimento de territórios quilombolas. **Revista Latino-Americana De Turismologia / Relat.** 2024.

NÚCLEO DE PESQUISAS SOBRE ESPAÇO, POLÍTICA E EMANCIPAÇÃO SOCIAL (NEPES). **Relatório de autodemarcação da terra indígena Borari de Alter do Chão.** Santarém: Ufopa, 2025. 54 p. ISBN 978-85-65791-80-9 (E-book). Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/2544>. Acesso em: 17 jun. 2025.

PIMENTEL, Cidelme Costa. **Associação dos Catraieiros no contexto turístico, sócio-político e econômico de Alter do Chão de 1997 a 2009.** 2011.

RIOS, Ana Paula; BARROS, Marina de Araújo. **Entendendo os princípios do Turismo de Base Comunitária.** Secretaria do Meio Ambiente de São Luiz-MA, 2021.

SANTARÉM. Lei Nº 21.490/2022. **Declara Patrimônio Histórico-Cultural Imaterial Do Município De Santarém, Os Catraieiros, Da Vila Balneária De Alter Do Chão.** Disponível em: <https://transparencia.santarem.pa.gov.br/legislacao/leis/lei-no-21490-de-21-de-marco-de-2022-623dbca156ecc>. Acesso em 18 jun. 2024.

SILVA JUNIOR, N. G. da. Empreendedorismo e o desenvolvimento local. **Anais do Simpósio Sul-Mato-Grossense de Administração**, v. 4, n. 4, p. 216-228, 2021.

ZANETONI, João *et al.* **Ecossistema do turismo de base comunitária: uma análise a partir dos negócios com impacto social em Corumbá-MS.** Curitiba, 2019.



ANEXOS

Fotografia 3 – Entrevista com o Sr. Cidelme Costa Pimentel



Fonte: Nete Reis (2025)

Fotografia 4 – Entrevista com presidente da associação o Sr. Antônio Sardinha



Fonte: Nete Reis (2025)



Fotografia 5 – Travessia para a Ilha do Amor



Fonte: Nete Reis (2025)

Fotografia 7 – Catraieiros expostos ao sol nas canoas

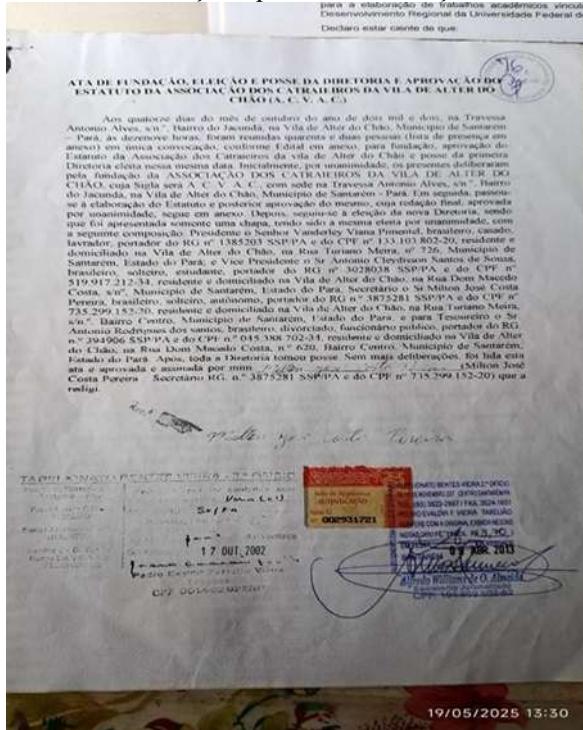


Fonte: Nete Reis (2025)



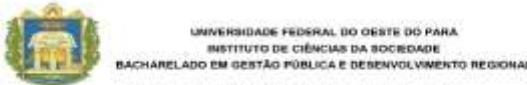
22º ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DO CAMPO DE PÚBLICAS

Figura 2 - Ata de eleição e posse da Associação dos Catraieiros



Fonte: Arquivo da Associação dos catraieiros de Alter do Chão (2025)

Figura 3 – Termo de autorização para as entrevistas



Termo de Autorização para Utilização de Entrevistas

Eu _____, autorizo, para os devidos fins, o uso das minhas respostas e falas fornecidas durante a entrevista realizada no dia _____ para a elaboração de trabalhos acadêmicos vinculados ao curso de Gestão Pública e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Oeste do Pará (UOPA).
Declaro estar ciente de que:
As informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos;
Minha identidade não será preservada, podendo ser mantido o anonimato caso eu assim deseje;
A entrevista foi conduzida sob a supervisão do professor responsável, Dr. Dorival Bonfá Neto;
Posso, a qualquer momento, solicitar a exclusão ou revisão do conteúdo fornecido.
Por meio deste termo, autorizo o uso das informações fornecidas, sem qualquer ônus ou direito a remuneração.

Local e data: _____, de _____, de _____.

Assinatura do Entrevistado

Assinatura do Entrevistador

Fonte: Arquivo Dorival (2025)



Figura 4 – Folder sobre a Catraia com ilustração dos locais de passeio



Fonte: Associação dos Catraieiros de Alter do Chão (2025)